

Editorial

E NÓS
COM ISSO?

No domingo, um vazamento no mineroduto que atravessa o município de Espera Feliz, na Zona da Mata, contaminou as águas do rio São Sebastião, que abastece a cidade. O incidente é recorrente, mas não é comparável à destruição que a atividade mineratória causa cotidianamente ao meio ambiente.

Sobre essa indústria, os questionamentos são todos abafados, sistematicamente, pelo argumento da necessidade da economia. Daí por que os Estados que mais ganham e perdem com a atividade também frequentemente reclamam uma melhor remuneração para os royalties da mineração, hoje entre 0,2% e 3%.

Esses royalties deveriam ressarcir os Estados produtores pela exploração de seu subsolo. Tal como ocorre com os do petróleo. Maior Estado produtor, Minas detém 43% dos royalties da mineração. O ex-governador Aécio Neves e o vice-presidente José Alencar defendem esse pleito, até agora sem resultados.

O assunto se mantém na pauta, sobretudo agora que mineradoras e siderúrgicas chinesas investem em Minas quase a metade de US\$ 14,8 bilhões que destinam ao setor no Brasil neste ano. Os chineses compraram duas mineradoras mineiras, têm parte numa terceira e estão em negociações com uma quarta.

Apesar da distância, o interesse dos chineses é garantir o abastecimento de minério de ferro à sua indústria de aço, mantendo os níveis de crescimento de sua economia. Três empresas, a Vale e duas australianas, detêm 80% do mercado mundial e impõem novos preços de três em três meses.

A China busca a liderança mundial na produção de aço comprando mineradoras. Neste momento, acaba de ganhar uma concorrência para fornecer o aço para a construção de 49 navios petroleiros da Petrobras. A decisão contraria a política brasileira de comprar preferencialmente no mercado interno. Motivo? Preço.

Essas situações mostram como o Brasil anda mal governado.

SEMPRE EDITORA LTDA

FUNDADOR Vittorio Medioli
PRESIDENTE Laura Medioli
VICE-PRESIDENTE Luiz Alberto de Castro Tito
DIRETOR EXECUTIVO Teodomiro Braga
DIRETOR FINANCEIRO Marcos de Oliveira e Souza

GERENTE COMERCIAL
Leandro Figueiredo

GERENTE DE TECNOLOGIA
Fábio A. Santos

GERENTE INDUSTRIAL
Guilherme Reis

GERENTE ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO
Walmir Prado

GERENTE DE MARKETING
Alessandra Soares

GERENTE DE CIRCULAÇÃO
Isabel Santos

EDITORA EXECUTIVA
Lúcia Castro

SECRETÁRIA DE REDAÇÃO
Michele Borges da Costa

ADJUNTA DA SECRETARIA DE REDAÇÃO
Aline Reskalla

EDITORES

Primeira Página: Robert Wagner
Opinião: Victor de Almeida
Economia: Karlton Aredes
Política: Carla Kreefft
Magazine: Silvana Mascagna
Fotografia: Leonardo Lara
Brasil/Mundo: Carla Chein
Esportes: Denner Taylor
Cidades: Carla Alves

O.PINIÃO

Duke



VOU SAIR PRA FAZER CAMPANHA ELEITORAL, QUERIDA, TÔ NA DÚVIDA COM QUE CARA EU VOU?

www.dukechargista.com.br



FÁTIMA OLIVEIRA

Médica

fatimaoliveira@ig.com.br

O charme, a sedução e a magia de Beagá na florada dos ipês

Floripes era um nome que significava “flor de ipê”

Belo Horizonte vive o espetáculo da florada dos ipês roxos. Depois virá a dos amarelos, dos brancos... Mimos da natureza anunciando dias mais frios, o inverno. Quem se toca quer compartilhar tanta beleza, como Marco Antônio, a quem dedico estas “mal traçadas linhas”, que, na entrada do campus da Saúde, atapetada de flores roxas de ipê, em êxtase emocionante, disse que alguém precisava escrever sobre a beleza esplendorosa dos ipês, que deixam a cidade linda, e que todo mundo deveria sair às ruas para admirar.

Concordei e sorri. A magia que as flores dos ipês exercem sobre ele desnuda que os cirurgiões, ao contrário do que corre à boca miúda, não são insensíveis, poetam quando se quedam à admiração do belo. Nem consegui dizer-lhe que tentar até tentei, mas não encontro palavras que descrevam o quão acariciante é Beagá florida de pompons de ipê e nem sei quantas vezes saí pelas ruas para apreciar o deslumbre dos ipês floridos! Fato que eu guardava “in pectoris”, pois, imersa na correria pela sobrevivência e nos infortúnios com os quais nos deparamos todos os dias, considerava “quase feio” confessar que me dou ao luxo de vagabundear mirando ipês floridos!

Fui para casa pensando no tempo em que eu não conhecia ipê, só pau d’arco, madeira de lei, planta do mato mesmo, que no sertão do Maranhão o povo chama de “podarco”. Lá não é comum podarco na rua, no jardim ou no quintal. Adorava “catar” flores de podarco para enfeitar sapucaias, quando ia a pé para a casa do tio Vicente Bodó, no Centro do Hermínio. Na estrada ha-

via “podarco”, sapucaia e pente-de-macaco aos montes... Ai, ai, os jardins de Versailles perdem! Garanto.

Não foi sem surpresa que descobri, no meu primeiro julho em Beagá, que ipê era “podarco”. Pasma, admiti não ter percebido o tanto de pau d’arco que há em Beagá. Mas vovó Maria, mal desceu do carro na praça da Liberdade, acunhou: “Viiixe Maria, esse povo de cidade grande inventa cada uma, até podarco tem plantado nessa praça!”. Retruquei: “Ora vovó, e por que não? As flores são tão bonitas! Sabia que aqui o

Em êxtase, disse que alguém precisava escrever sobre os ipês, que deixam a cidade linda, e que todo mundo deveria sair às ruas para admirar

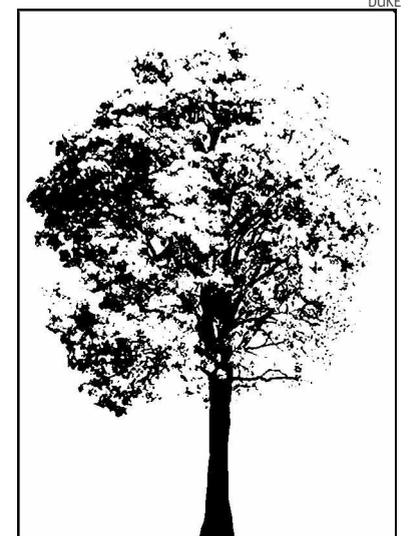
nome dessa planta é ipê?”. Ela não conteve a irritação: “Pode até ter esse nome aqui, mais isso é podarco, menina! Conheço demais. Já tomei muita garrafada de podarco. É santo remédio pra muitas doenças. Até para doença feia (câncer)”.

O clima só amenizou quando perguntei pela Floripes, dizendo-lhe que era um nome que significava “flor de ipê”. Como ela amava contar e ouvir histórias, engrenei a “lenda do ipê”, dos índios Carajás. O cacique Iacan e a índia Iaran juraram amor eterno embaixo de um pé de pau d’arco encantado, pois gemia em noites de lua cheia. Anos

depois de casados, não conseguiam ter filhos. A tribo pressionava por herdeiros e ele relutava em abandonar Iaran, que decidiu suicidar no rio.

Ao se despedir do pau d’arco aos prantos, surgiu uma mulher de vestido verde com flores brancas, amarelas, rosas e roxas, que disse ser “o espírito das plantas de enfeite”; fora transformada naquela árvore que não dava flores nem frutos, mas que as lágrimas de Iaran, estéril como ela, regaram suas raízes, quebrando o encantamento. Disse que para que Iaran e Iacan pudessem gerar filhos deveriam, a cada lua cheia, enfeitá-la com flores das cores do vestido que ela usava. Assim foi feito e nasceram os gêmeos Iacan e Floripes. E todos foram felizes para sempre.

E, desde então, os ipês floriram para sempre; e quando florescem, suas folhas caem, deixando os buquês nos galhos em formato de arcos.



DUKE